

Aurora Gámez Amián *

As exportações de vinhos de Málaga para a Europa. Uma visão alargada (1752-1960) **

A análise das saídas de vinhos do nosso porto com destino aos países europeus e os problemas que suscita o conhecimento exacto dos tipos remetidos sob a denominação «Vinho Málaga» constituem os principais objectivos do nosso trabalho.

Deste modo, faremos uma breve introdução, em forma de síntese, acerca das características principais da vinha malaguenha e das vicissitudes mais importantes da sua evolução ao longo das três centúrias consideradas.

1. EVOLUÇÃO DAS PRODUÇÕES VITIVINÍCOLAS NA ÁREA MALAGUENHA

Na actual província de Málaga o cultivo da vinha foi muito precoce, tendo sido estes plantios tratados com especial cuidado pelos árabes¹ na *cora* de Rayya² (Málaga), uma das três em que se dividia o antigo Reino de Granada. As vinhas foram-se expandindo por este território até ao aparecimento da filoxera (1878).

No século do Iluminismo temos suficientes informações que manifestam a progressiva extensão das cepas. Entre elas podemos destacar o aumento constante das exportações de vinhos e passas³, a substituição do cultivo de cereais pela

■ Universidade de Málaga, Espanha.

** Tradução de Maria Ondina do Carmo. Revisão de José Ignacio de la Torre Rodríguez.

¹ SIMONET, F. – *Descripción del reino de Granada bajo la dominación de los nazaritas*. Madrid, 1861, p. 71.

² GUILLEN ROBLES, G. – *Málaga musulmana*. Málaga, 1857, reimp. 1957, p. 77-78. LOPEZ DE COCA, E. – *La tierra de Málaga a fines del siglo XV*. Granada, 1977, p. 84.

³ GÁMEZ AMIÁN, A. – *Transformaciones económicas y sociales en el reino de Granada. Siglo XVIII*. Málaga, 1986, p. 95-104.

elaboração de «plum cakes» e outros doces, já que agora existiam no mercado passas mais baratas e sem grainha e, portanto, mais adequadas à pastelaria e aos temperos. Em suma, a formação do mercado mundial de produtos agrários e, mais tarde, a passa da Califórnia representaram duros golpes para a exportação dos rácimos secos malaguenhos. A filoxera (1878) veio, pois, destruir vinhas cujas produções, pelas causas assinaladas, registavam uma decrescente procura nos mercados externos.

A reconstrução do vinhedo com *Riparias*, em Málaga, foi muito parcial, como podemos verificar pelo Quadro I. Em 1960 não havia mais de 30.000 ha de vinhas em Axarquía, onde continuam as pequenas explorações familiares (embora as cepas sejam velhas e o seu cultivo marginal e de escassa rentabilidade); no vale do Guadalhorce, e desde 1970, são muito importantes em Mollina (Antequera), em terras planas onde actualmente se produz boa parte do vinho-base malaguenho.

Sem dúvida, há que destacar na conservação das vinhas-vinho os esforços do *Conselho Regulador de Origem do «Vinho Málaga»* (1937)¹⁴. No sector passeioiro, a cooperação parece ser a única via para salvar a excelente passa malaguenha, cujo consumo está em acentuado declínio. Além disso, muitos vinhedos estão a ser arrancados por determinação do Mercado Comum para reorganizar o sector.

Assim, é interessante comprovar que, apesar da situação actual do vinhedo em Málaga ser pouco próspera, a nossa província foi, até 1880, a que teve maior superfície de vinhas da Andaluzia (como nos mostra o Quadro II), dedicadas em boa parte a vinhas para produção de passas, como já referimos.

Quadro II – Superfície de vinhedo na Andaluzia (ha)

PROVINCIAS	1878 ⁽¹⁾	1909 ⁽¹⁾	1978 ⁽²⁾
ALMERIA	11.000	5.475	10.154
CÁDIS	21.253	7.469	23.995
CÓRDOBA	18.137	9.876	29.550
GRANADA	35.814	9.510	11.174
HUELVA	10.128	6.560	21.184
JAEN	9.588	3.447	2.474
MÁLAGA	112.872	24.180	16.292
SEVILHA	11.642	11.465	5.300
TOTAL	230.434	77.982	120.123

Fontes: ⁽¹⁾ GUIASADO LÓPEZ, J. M. (1982); ⁽²⁾ *Anuario de Estadísticas Agrarias*. Madrid, 1979.

¹⁴ RUIZ ROMERO DE LA CRUZ, E. – *Las Bodegas «Lopez Hermanos S.A.» de Málaga*. Tese de doutoramento no prelo. Sobre este importante organismo pode consultar-se o artigo que se apresentará futuramente nesta revista e, principalmente, a sua citada tese de doutoramento, p. 341-351.

Por outro lado, na província de Málaga, os terrenos e o clima das zonas norte, centro e leste da capital malaguenha (Axarquía) são especialmente propícios para a produção de mostos, de excelente qualidade, a partir de certas cepas de cultivo imemorial que prestigiaram os nossos derivados vinícolas. Ainda que se possam distinguir duas grandes áreas geográficas em função das videiras mais características, o certo é que a proximidade das mesmas dificulta o estabelecimento de uma demarcação, uma vez que as diferentes cepas foram comuns a todas as terras, embora nos *pagos* (zonas vitícolas) mais apropriados o fruto fosse melhor.

Na zona mais a norte, a mais montanhosa e afastada do mar, a casta mais reputada era a *Pero Ximen*, sobre cuja origem não existe acordo¹⁵. Do seu mosto fazia-se o vinho *Tierno*, espesso e pesado, que não era fabricado abundantemente pois era um produto muito caro¹⁶, sendo utilizado, sobretudo, para suavizar os vinhos. O mais famoso Vinho Málaga, doce, generoso, aromático, delicado, com bom corpo e gosto, era obtido da uva *Pero Ximen* através de *trasfegos* e benefícios, sem misturas de aguardente ou de enxofre. Normalmente não se fabricava puro, sendo as suas uvas misturadas com as de outras castas, e muito especialmente com a moscatel mourisca, cujas cepas também se estendiam por estes lugares, resultando um vinho doce também muito apreciado.

Nas zonas mais próximas do litoral, onde se faz sentir a influência climática do mar, as castas dominantes são o moscatel, nas suas variedades flamenga e mourisca. O moscatel flamengo (em terrenos arenosos e soltos) dá uma uva mais comprida que redonda (daí o nome por que eram conhecidos os seus rácimos secos: *passa larga* ou de *sol*) de sabor muito doce. Dela se obtinham as famosas passas malaguenhas e, em menor quantidade, vinho. A cepa moscatel mourisca ou fina produz uvas mais pequenas e redondas e com elas fabrica-se o melhor vinho moscatel, que raramente se fazia apenas com estas uvas – normalmente misturava-se, como sabemos, com a *Pedro Ximen* para a feitura do moscatel malaguenho generoso.

Outra cepa em destaque era a Jaén branca e a *doradilla* (próprias de terras arenosas, pedregosas, soltas). Isoladas dão vinhos muito secos e um pouco ásperos. Normalmente, as suas uvas maduras são misturadas com as *Pedro Ximen*, também muito maduras, produzindo-se um vinho *Pedro Ximen* misto, semelhante em generosidade, doçura, cor e aroma ao *Pedro Ximen* puro ou legítimo.

¹⁵ LAZA, M. – *Introdução a GARCIA DE LA LEÑA, C.: Disertación en recomendación y defensa del vino Pedro Ximen y el modo de formarlo*. Málaga, 1792. Há duas correntes distintas acerca da origem da cepa *Pero Ximen* ou *Pedro Jiménez*: uma defende a sua procedência de uma cepa do Reno, bem aclimatada em Málaga, a outra aponta-lhe uma origem árabe, uma vez que *Pero Ximen* seria a castelhanização das palavras árabes cuja tradução é «gota dourada» devido ao vinho que produzem.

¹⁶ Com 100 Kg. de uvas o máximo que se obtinha do vinho *Tierno* da melhor qualidade era 20 litros. GARCIA DE LA LEÑA, C. – *ob. cit.*, p. 40.

Outras castas existentes eram as *tempranas* (brancas e tintas), a de Almeñecar (que fazem boa mistura com a Pero Ximen), as *montuas*, *cabrieles*, *ubíes*, *marbellí*, *D. Bueno*, *mollar* (sevilhana e mourisca), *casiles* (brancas e tintas), *perrunas*...

Em suma, há uma variedade enorme de castas ainda que dominem as moscatel (mourisca e flamenga) e a Pedro Ximen e, em menor quantidade, as Jaén branca, *doradilla* e *prieta*.

2. AS EXPORTAÇÕES DE VINHOS DE MÁLAGA: MUDANÇAS NA PROCURA E NOS DESTINOS

O porto de Málaga foi o mais importante da Andaluzia mediterrânica até bem dentro do século XX. Por este motivo, era o lugar de saída dos principais produtos de toda a região da Andaluzia oriental, sobretudo depois da entrada em funcionamento do caminho-de-ferro Málaga-Córdoba (1865). Este veio facilitar a chegada à cidade dos vinhos do interior. Além disso, a capital foi também o centro de um intenso tráfego de cabotagem de vinhos¹⁷.

As exportações de vinhos e de passas tiveram na economia malaguenha dos séculos XVIII e XIX um importantíssimo papel que se espelha perfeitamente na estrutura do seu comércio externo. Na segunda metade do século XVIII, o valor das exportações dos derivados da videira (vinhos e passas, e nunca aguardente) representaram, em Málaga, mais de 60% do valor total das saídas¹⁸. No século XIX, e até ao aparecimento da filoxera, a situação é bastante semelhante: assim, em 1872, representaram 44,7% do valor total das exportações¹⁹.

2.1. Tipos de vinhos exportados

Não podemos conhecer com exactidão os tipos de vinhos exportados pelo nosso porto²⁰, nem tão pouco se o que se extraía como «Vinho Málaga» procedia de uvas malaguenhas. No século XVIII e nos primeiros anos do século XIX todas as fontes assinalam que os vinhos exportados para a Europa eram os doces, ainda

¹⁷ FRAX ROSALES, E. – *Puertos y comercio de cabotaje en España, 1857-1934*. Madrid, 1981, p. 21 e 40-47.

¹⁸ A.G.S.- I.G.- Leg. 2302.

¹⁹ Estatísticas do Comércio Externo de Espanha. Ano 1872.

²⁰ As Estatísticas Oficiais do Comércio Externo de Málaga não fazem a distinção entre o vinho comum e o vinho de Málaga até 1861. Fazem-no somente a partir de 1872 quando classificam os vinhos exportados em vinho comum, vinho da Catalunha, branco superior, Jerez e similares e Vinho de Málaga.

que o mesmo não se verificasse em relação às colónias²¹. Mas, como sabemos, ao longo de Oitocentos²² e nos países mais desenvolvidos, cada vez se consumiam menos vinhos doces e mais vinhos de outros tipos de generosos²³, que os produtores malaguenhos imitaram com o objectivo de adequar os próprios à procura internacional. Contudo, até 1872, as estatísticas do Comércio Externo continuam a referir unicamente o «Vinho Málaga».

Pois bem. O que se entendia, então, como «Vinho Málaga»? Só o doce, o tradicional? Por ora, não podemos esclarecer esta questão²⁴, mas trataremos de averiguar se, ao menos, como actualmente entende o *Conselho Regulador de Origem do «Vinho Málaga»*, saíam para a Europa sob essa denominação todos os generosos elaborados com uvas da província. Certamente nem sempre assim foi, pois houve períodos²⁵ em que, apesar do vinho exportado continuar a ser denominado «Vinho Málaga», não era obtido das colheitas malaguenhas. Se não, como explicar que, com as vinhas arrasadas pela filoxera e com uma lenta replantação com vinhas americanas (Quadro I), se continuassem a exportar quantidades apreciáveis de Vinho Málaga até 1894? Quando recuperam as exportações (Gráfico I), acontece o mesmo, já que os dados sobre a produção de mosto provincial mostram que, entre 1905 e 1920²⁶, esta era inferior às exportações do «Vinho Málaga», o que demonstra que parte do que se expedia sob essa denominação procedia de outras províncias. Assim o fazia constar o cônsul inglês na cidade, em 1912:

«Málaga, ainda que seja um importante centro exportador e produtor de vinho, não é um distrito criador, uma vez que a maior parte dos mostos são importados de La Mancha ou das províncias centrais e dos distritos de Sevilha e de Huelva... o seu tratamento nas adegas de Málaga forma uma indústria muito importante»²⁷.

²¹ GÁMEZ AMIÁN, A. – *Málaga y el comercio colonial con América (1765-1820)*. Málaga, 1994.

²² É quase impossível apontarmos uma data exacta para o início das exportações significativas, via Málaga, de vinhos não doces. Algumas informações apontam para os anos vinte do século XIX e outras para os anos trinta. Vide notas 28 e 29.

²³ MALDONADO ROSSO, J. – *En torno a los comienzos del Fino como tipo de vino diferenciado*. In «Actas das I Jornadas do Vinho Fino». El Puerto de Santa María (Cádiz), 1995, p. 33-59.

²⁴ Acreditamos que, face à ausência de informações da Alfândega de Málaga, a consulta das fontes dos principais países receptores do vinho de Málaga poderá elucidar-nos sobre os tipos de vinhos exportados, ainda que estejamos conscientes das dificuldades que supõe a mudança de denominação dos vinhos ao longo dos séculos.

²⁵ Temos constatado este facto desde meados do século XIX e durante o primeiro terço do século XX, sendo possível que o mesmo se verificasse noutras épocas.

²⁶ A razão pela qual não fiz a comparação, em datas anteriores a 1905, entre o volume de produção de mosto provincial e o volume das exportações vínicas que saíam como «Vinho de Málaga» radica na ausência de informações sobre a primeira variável.

²⁷ F.R.O.- C.C.- Málaga, 1912, p. 570.

Em suma, cremos que, no século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, a maior parte do vinho que se exportava por Málaga para a Europa era o doce, das vinhas Pero Ximen ou moscatel, enquanto que, à medida que avançava o século XIX, vão sendo progressivamente menores as quantidades exportadas deste tipo de vinho pelas razões assinaladas. O chamado «Vinho Málaga» corresponde cada vez menos ao tradicional (doce) e mais aos outros tipos de generosos. Depois da filoxera, parte do «Vinho Málaga» fabricava-se com mosto que não era malaguenho. A partir de 1937, a denominação de origem do «Vinho Málaga» abrangia todos aqueles vinhos que eram elaborados com esmero, com as uvas do «marco» de Málaga.

O Gráfico I mostra-nos o volume total exportado do «Vinho Málaga» entre 1752 e 1960, bem como destino europeu ou americano destas saídas.

Observa-se facilmente a importância do mercado europeu no século XVIII, a sua perda de identidade no século XIX e até 1874, data em que novamente a Europa se torna o primeiro receptor dos nossos vinhos, face à quase inexistente procura do mercado americano.

No século das Luzes, o vinho exportado para o velho continente, como referimos em várias ocasiões, foi o doce, avermelhado, pastoso, de longa conservação e que era bebido à sobremesa. Este vinho era objecto de numerosos cuidados para que conservasse a sua pureza e qualidade. As petições ao Conselho de Castela para se proibir a entrada dos vinhos de outros lugares e as contínuas ordens que remetem para as regras do seu fabrico são indicadores dessa preocupação. Em 1759, os Irmãos Maiores da Confraria dos Vinhateiros pedem:

«Que se vigie a mistura do vinho (que é a vida da cidade) com a aguardente, para que o primeiro não seja adulterado... porque, além de provocar o escorbuto, sabe-se que está proibida e penalizada a entrada do vinho adulterado em Inglaterra, e se isto acontece é trazer a miséria à cidade»²⁸.

Em 1789 é feita uma petição ao Conselho para que:

«Se proíba a entrada de vinhos estranhos que prejudicam a qualidade e o prestígio dos daqui»²⁹.

Também se recorda que:

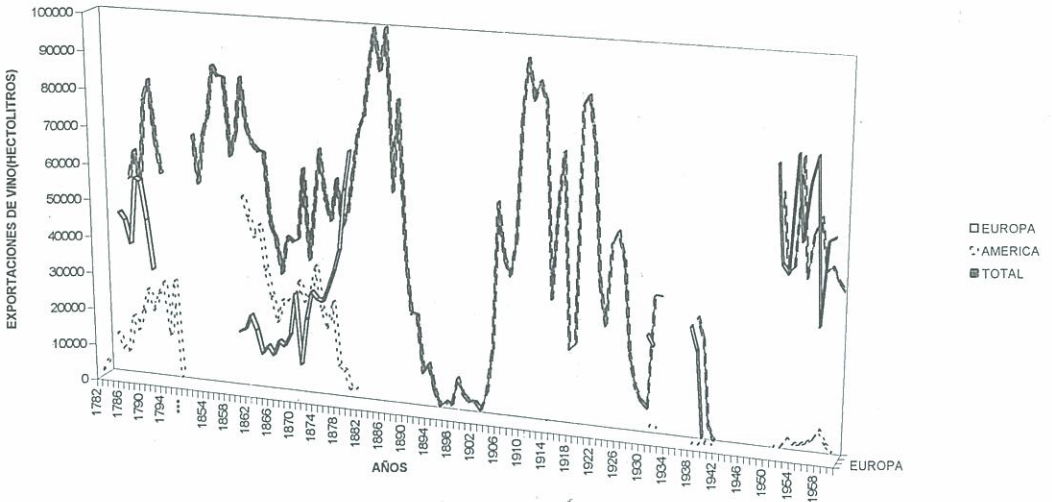
«Se cumpram as disposições sobre o fabrico dos vinhos dadas a 26 de Janeiro de 1778 e a 12 de Junho de 1788»³⁰.

²⁸ A.H.N.- Consejos- Leg. 265-5.

²⁹ A.H.N.- Consejos- Leg. 2.823-19.

³⁰ A. Ay. Mal.- A.C.- Livro 179, p. 360.

Gráfico I – Exportações de vinho por Málaga (1782-1960)



Todavia, o vinho doce foi perdendo mercados à medida que o século XIX avançava. O que acontecia, como já referimos, é que a procura recaía noutros tipos³¹, como escreveu o representante do governo francês na nossa demarcação em 1833:

«... os vinhos doces e os licores (que se conservam entre 10 e 60 anos) apenas são pedidos e agora exportam-se vinhos secos, de 2 a 3 anos, que se aproximam em gosto ao Jerez»³².

Anos mais tarde dizia:

«... progressivamente este ramo do comércio com a Europa vai perdendo a sua antiga importância. Os vinhos de Jerez substituem os licorosos de Málaga»³³.

Em 1840 dizia a mesma fonte:

«Os vinhos tradicionais de Málaga exportam-se pouco; a indústria está em total abatimento»³⁴.

³¹ MORILLA, J. – *Las condiciones de comercialización de los productos vitícolas y respuesta a la filoxera en Andalucía Oriental (1783-1914)*. «Revista de Estudios Regionales», 20 (1988), p. 61.

³² A.N.- Paris- C.C.- 10-7-1833, p. 35.

³³ A.N.- Paris- C.C.- 31-1-1836, p. 214.

³⁴ A.N.- Paris- C.C.- 12-7-1841, p. 62.

Com o objectivo de reactivar as vendas de vinhos locais cometeram-se manipulações para os assemelhar aos de Jerez. Estas operações não se realizaram apenas na capital malaguenha mas em quase todos os locais produtores³⁵. A menor procura dos nossos vinhos, anos antes tão apreciados na Europa e nos Estados Unidos (enquanto que, durante o século XIX, para as antigas colónias se continuava maioritariamente a exportar vinho branco³⁶), coincidiu, entre 1854 e 1863, com a praga do «oidium» nas vinhas malaguenhas. Mas a diminuição das exportações dos vinhos de Málaga não foi, como veremos, apenas consequência de uma menor oferta local devida a esta enfermidade das vinhas, embora ela tenha tido influência marcante na viticultura malaguenha, como se referia em 1858:

«As vinhas-vinho depois de estarem vários anos a ser atacadas pelo oidium dão colheitas quase nulas e de má qualidade»³⁷.

Situação que se agravava ainda mais em 1861:

«... a falta de cultivo neste ano (1861), depois da escassez do anterior, pode diminuir para metade a colheita, quer pela menor quantidade de fruto quer pela sua inferior qualidade...»³⁸.

Além dos efeitos do *oidium*, registava-se um contínuo desprestígio dos vinhos malaguenhos devido ao seu mau fabrico. É o que se desprende de informações de 1862:

«A negligência dos vinhateiros e o espírito de fraude dos criadores de vinhos foi a causa dos vinhos de Málaga terem visto decair a sua antiga fama, a ponto de quase a perder totalmente. De facto, hoje pode dizer-se que os vinhos de Málaga não são considerados superiores em nenhum mercado importante do mundo; apenas atingem o mesmo preço dos vinhos comuns sendo muito difícil dar-lhes saída»³⁹.

A queda da procura externa dos vinhos malaguenhos, as vinhas-vinho atacadas pelo *oidium* e o desprestígio daqueles devido às adulterações fizeram com que a viticultura malaguenha se orientasse maioritariamente para a produção de rácimos

³⁵ NUÑEZ, C. E. – *El comercio exterior y los problemas de desarrollo económico en Andalucía*. Granada, 1985, p. 99.

³⁶ GÁMEZ AMIÁN, A. – *El comercio de exportación a América por el puerto de Málaga (1861-1887)*. In «Actas do VII Congresso Espanha-América». Sevilha, 1986, p. 227-287.

³⁷ A.N.- Paris- C.C. 31-1-1858, p.74.

³⁸ GARCIA BRITZ, J. – *Estado de la viñería en Málaga*. «Boletim da Sociedad Económica de Amigos del País». Outubro de 1882, p. 185.

³⁹ CASADO, M. – *Vinos de Málaga*. «Boletim da Sociedad Económica de Amigos del País», Junho de 1864, p. 97.

secos, de grande procura até ao último quartel do século nos Estados Unidos, e com um segmento fixo, embora menor, na Europa. Assim, a diminuição das saídas dos vinhos foi compensada, até 1870, pelo aumento das exportações da passa moscatel, se bem que desde essa data se tivesse verificado a queda das extracções dos nossos rácimos secos, tanto no mercado europeu como no norte-americano.

Por outro lado, o grande aumento das exportações de vinhos, que se detecta no gráfico, entre 1878 e 1888, foi motivado pelas saídas conjunturais de vinhos para França, já que, juntamente com o vinho comum (que não está contemplado neste quadro), se exportavam generosos, remetidos como Vinho de Málaga (os únicos considerados no Gráfico I e no Quadro III). No século XX há um certo ressurgimento destas exportações para países da Europa central (no pós-I Guerra Mundial), inicialmente com vinhos de fora, como vinhos, e desde 1937 fabricados com mosto provincial por imposição do *Conselho Regulador de Origem do «Vinho Málaga»*.

2.2. Principais países Europeus de destino

A Inglaterra foi o principal cliente dos vinhos malaguenhos no Antigo Regime, como se observa no Quadro III. O desvio do consumo para outros tipos de vinhos ou alcoóis fez com que, por volta de 1872 e de acordo com a informação do cônsul inglês em Málaga, o vinho tradicional malaguenho fosse empregue «... no fabrico de whiskies para lhes dar sabor e doçura»⁴⁰.

Apesar de tudo, a Grã-Bretanha continuou a manter, no século XIX, uma quota de certa relevância, ainda que em declínio, nas exportações totais de vinhos de Málaga. A perda de importância deste mercado é bem visível no século XX.

Nas saídas para França a evolução foi diferente. A procura foi ganhando significado no século passado até o país se converter no primeiro importador, após o aparecimento da filoxera naquelas terras. Embora os vinhos enviados aos franceses tenham sido, como sabemos, principalmente os comuns⁴¹ (chegados a Málaga, vindos do interior, pelo caminho-de-ferro da actual zona do Marco de Montilla, Córdova,⁴² ou de La Mancha, Ciudad Real,⁴³ ou por cabotagem) também se expediram para o país vizinho quantidades apreciáveis de «Vinho Málaga» que são os únicos contabilizados no Quadro III.

⁴⁰ F.R.O.- C.C. Málaga, 1872, p. 487.

⁴¹ As exportações de vinho comum via Málaga foram especialmente intensas entre 1871-75 (6.160 hls/ano) e entre 1891-1900 (17.867 hls/ano). Estatísticas do Comércio Externo.

⁴² MORILLA, J. – *Gran capital y estancamiento económico en Andalucía. Banca y Ferrocarril en Málaga en el siglo XIX*. Córdova, 1978, p. 109-172. TEDDE DE LORCA, P. – *La Cía de Ferrocarriles Andaluces (1878-1920): una empresa de la Restauración*. «Investigaciones Económicas», 12, p. 27-66.

⁴³ GÁMEZ AMIÁN, A. – *Fermín Alarcón Luján. Un empresario capitalista en la Málaga de la Restauración*. Málaga, 1992, p. 103-104.

A Bélgica e a Holanda, sobretudo a última, foram de forma continuada bons consumidores do Vinho de Málaga, embora entre 1865 e 1874 a sua taxa de participação neste comércio tenha sido um pouco menor. Por outro lado, desde inícios dos anos cinquenta do nosso século, as quantidades exportadas anualmente mantêm-se estáveis, com um volume médio de saídas por ano cinco vezes superiores às do decénio 1860-1870. Era/é o seu consumo interno muito elevado ou foi/é a Holanda um mero local de passagem a partir do qual se reexportava?

Os diversos Estados que constituíram em 1873 a actual Alemanha sempre mantiveram um comércio activo com o nosso porto, destacando-se, entre os produtos exportados, o vinho. As quantidades expedidas para aquelas latitudes foram realmente significativas e evoluíram para uma crescente participação, que atinge o valor máximo nos anos 1938-1939, dirigindo-se mais de 98% das nossas exportações vínicas para a República Alemã. Nestes anos, este quase monopólio é justificado pelo regime político das duas nações. Entre 1951 e 1960, a Alemanha afirma-se como o primeiro país europeu receptor dos vinhos de Málaga (com uma média de 21.511 hl/ano). Por outro lado, é preciso notar, como se observa no Quadro III, que a Suíça é, nesta década, o segundo mercado europeu dos nossos vinhos, seguramente de passagem para outras nações⁴⁴.

Como países marginais das exportações do Vinho Málaga podemos apresentar o exemplo de Portugal, onde praticamente não se consumiam os malaguenhos. Sem dúvida, a ampla e óptima oferta nacional não tornava necessária a compra de vinhos de fora.

3. TENTATIVA DE SÍNTESE

A província de Málaga (especialmente a área a norte, a leste e o centro da capital) foi, desde meados do século XVIII até ao último terço do século XIX, a zona mais povoada de vinhas da Andaluzia, com 112.000 ha, algumas com outro cultivo associado. A grande expansão do vinhedo malaguenho no século XIX esteve mais orientada para a passificação do que para o fabrico de vinhos, devido ao facto da procura do Vinho de Málaga estar em retrocesso desde os anos trinta de Oitocentos. Mas os rácimos secos malaguenhos tiveram também problemas sérios de comercialização desde os anos setenta da mesma centúria. Coincidindo com esta crise de sobreprodução dos derivados da vinha malaguenha, aparece, na província, a filoxera (1878) que destrói o vinhedo. A reconstrução foi apenas parcial devido a vários factores⁴⁵, e a superfície ocupada pelas cepas, em 1960,

⁴⁴ Cámara de Comercio, Industria y Navegación de Málaga – *Informe Comercial de 1927*, p. II.

⁴⁵ As ajudas ao pequeno viticultor de Axarquía foram nulas, apesar das numerosas comissões que se

Quadro III – Exportações de vinhos de Málaga para a Europa (séculos XVIII-XIX), principais países de destino. Percentagens

ANOS	PAÍSES BAIXOS	ALEMANHA	INGLATERRA	FRANÇA	PORTUGAL	SUIÇA
1791	3	40	46	11	–	
1792	53.8	–	39.2	3	4	
1793	2	12	68	–	18	
–	–	–	–	–	–	
1797	–	95.8	–	3.8	0.4	
1852	20	35.3	36.2	8.5	–	
1853	13	35.6	40	9	2.4	
1854	2.8	33.3	30	33.4	0.5	
1855	12	16.5	33.3	38.1	0.1	
1856	16	24.4	28	31.4	0.2	
1857	14.3	28.3	37.3	20	0.1	
1858	16.7	24.5	18.8	36.7	3.3	
1859	12.5	20.5	32.3	34.7	–	
1860	19.8	38.5	19.3	20.6	1.8	
1861	11.3	16.8	25.9	37.6	8.4	
1862	18.6	21.9	20.8	38.4	0.3	
1863	7.2	15.7	23.7	53.4	–	
1864	15.6	17.6	19.3	47	0.5	
1865	3	26	22.7	46.1	2.2	
1866	9.5	7.8	18.5	63	1.2	
1867	8.7	14.2	24.3	52.8	–	
1868	10	10	17.8	61.6	0.6	
1869	5	8	29.7	57.3	–	
1870	11	–	19	71	–	
1871	14	16	24.6	42.5	0.2	
1872	4.4	6.3	12.6	74.5	2.2	
1873	10	19.5	7	62.9	0.6	
1874	13.8	30	4.4	51.8	–	
1931	26.7	27	16.1	34.7	–	
1932	30	19.7	11	39.3	–	
1938	1.3	98.7	–	–		
1939	1.9	98.9	–	–		
1940	82	–	18	–		
1941	–	100	–	–		
–	–	–	–	–		
1951	13	63.6	–	3.5		19.9
1952	31.5	40.5	–	16		12
1953	27.7	45.4	–	13		13.9
1954	21.4	51.1	–	16		11.5
1955	8	54.2	1	–		36.8
1956	9.3	55.6	0.7	–		34.4
1957	8.6	50.3	0.8	–		40.3
1958	10	42.7	2.5	0.3		44.5
1959	10.5	58.2	2	1		28.3
1960	12.8	51.4	2	0.5		32.3

Fuentes: 1794-1797: A.G.I.-I.G. Légs. 2302.- 1852-1884: Estadísticas del Comercio Exterior de España. 1931-1960: Consejo Regulador de Origen «Vino Málaga», Ruiz Romero de la Cruz, E. Las bodegas López Hermanos S.A. de Málaga, Málaga 1993, págs. 342-343.

não ultrapassava os 30.000 ha, valor considerável, mas muitas das vinhas são velhas, o seu cultivo marginal e parte delas vão sendo arrancadas mediante as directrizes do Mercado Comum.

O vinho foi, durante o século XVIII, o primeiro produto de exportação por Málaga. O que se enviava principalmente para a Europa, o chamado «Vinho Málaga», era o doce, que se bebia à sobremesa e se fabricava com a uva Pedro Ximen pura, misturada com a moscatel ou desta última espécie. As mudanças de gosto dos consumidores para vinhos mais secos, as medidas alfandegárias da Inglaterra (nosso principal cliente), entre 1825 e 1860, favorecendo a entrada de vinhos tipo Jerez, a posterior preferência pelos de menor graduação alcoólica..., conduziram a uma série de adulterações nos malaguenhos para os assemelhar aos mais procurados. Embora nas Estadísticas del Comercio Exterior dos séculos XIX e XX haja sempre uma fatia importante do «Vinho Málaga» (excepto entre 1890 e 1905), temos de considerar que, entre 1880 e 1920, grande parte dele era elaborado com mostos de outras províncias. Como se explica que entre 1880-1894 houvesse uma apreciável exportação de «Vinhos Málaga», justamente quando os efeitos da filoxera foram agravados pela lenta replantação do vinhedo? Ou, como se explica que entre 1905 e 1920 os valores totais das saídas (Península e estrangeiro) sejam superiores à produção de mosto provincial? Obviamente que se trata de vinhos de fora. O problema da entrada de mostos de outros locais, em prejuízo dos de Málaga, foi constantemente denunciado pelos lavradores. Este facto adquire maior intensidade quando o nosso porto fica ligado ao interior peninsular através do caminho-de-ferro (1865). É apenas a partir de 1937 que o *Conselho Regulador de Origem do «Vinho Málaga»* garante que essa denominação abarca todos os generosos feitos com uvas da província.

No século XVIII, o «Vinho Málaga» dirigia-se principalmente para o norte da Europa (Inglaterra, Países Baixos e Alemanha). No século XIX detecta-se uma progressiva queda nas quantidades enviadas para a Inglaterra, uma quota mais ou menos estável para a Holanda e um aumento considerável para a França, uma vez que juntamente com o vinho comum (pelas causas conhecidas) também saíram

formaram, tanto para determinar o mal como para orientar os empréstimos que, todavia, não se chegaram efectivamente a fazer. Apenas os que dispunham de um certo capital puderam replantar com *Riparia*, os restantes tiveram que abandonar as terras e muitos deles emigrar. No fundo, havia uma manifesta luta de interesses. Os vinhateiros de Axarquía, que precisavam de dinheiro para a compra de portainjertos americanos, faziam uma clara concorrência, devido aos reduzidos custos das suas produções (trabalho familiar), aos proprietários do vale do Guadalhorce que empregavam trabalho assalariado no cultivo das suas cepas. Parece ter havido uma política interessada em não resolver o problema dos pequenos vinhateiros por parte do governo da cidade (controlado por uma burguesia proprietária de vinhedos que, desta forma, via desaparecer uma série de concorrentes sérios face a um mercado mundial com uma procura reduzida dos nossos produtos vitivinícolas).

menores mas significativas quantidades de «Vinho Málaga». A Alemanha mantém constante a sua participação percentual neste comércio.

No século XX há novas mudanças relativas à importância dos mercados receptores. A Alemanha converte-se no principal consumidor, seguido pela Suíça, enquanto as exportações para França chegam quase a desaparecer. As remessas para Inglaterra passam a ser insignificantes e as dirigidas à Bélgica e à Holanda aumentam a sua participação, embora sejam os alemães os nossos principais clientes, seguidos pelos suíços (se bem que a Suíça pareça um mero país de passagem).